

OS MOINHOS DE VENTO DO CONCELHO DE PENACOVA

*Edgar Lameiras **

*Abílio Tomás Miguel Pereira ***

A comunicação aqui apresentada é um pequeno resumo de um longo trabalho de investigação efectuada durante o ano lectivo de 1982 / 1983 (parcialmente actualizado no Verão de 1988), integrado numa cadeira de Investigação em Antropologia Cultural, orientada pelo Professor Doutor Manuel Laranjeira Rodrigues Areia, do curso de Biologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Por aqui se vê a dificuldade extrema em apresentar aqui, em espaço tão reduzido, toda a documentação recolhida.

Iremos apresentar a comunicação em duas partes. A primeira em que referiremos os aspectos técnicos dos Moinhos de Vento do concelho de Penacova (concelho a Nordeste de Coimbra cuja sede dista de Coimbra escassos 20 km) e uma segunda parte que focará alguns aspectos do funcionamento, decadência e estado actual dos Moinhos.

I PARTE

Os Moinhos de Vento do Concelho de Penacova, encontram-se na sua maioria na parte Oeste e Sul do Concelho; a parte Leste compreendendo as freguesias de S. Paio de Farinha Podre, Paradela, Travanca, Oliveira do Mondego e S. Pedro de Alva quase os não possui e o mesmo se passa com a parte Nordeste.

Os Moinhos de Vento deste Concelho são habitualmente de construção cilíndrica. Ligeiramente cónicos, levemente abaulados a meio da sua altura.

* Licenciado em Biologia. Assistente na Escola Superior de Educação de Leiria.

** Licenciado em Direito.

São Moinhos de pequenas dimensões (rondam os três metros de diâmetro — medição interna), podendo estas variarem consoante os diferentes grupos.

Os materiais usados na construção variam segundo a pedra predominante na região. Por exemplo: em Gavinhos o granito, em Cerejo o xisto (com argamassa barrosa entre as pedras) e em Chã da Mata o granito e o xisto simultaneamente. Enquanto alguns Moinhos externamente não são revestidos por qualquer outro material, outros podem-se encontrar já revestidos de cimento (um exemplo disso é o grupo de Moinhos de Roxo) e outros ainda, além do cimento, caiados externamente (é o caso de alguns Moinhos do grupo da Aveleira).

Estes Moinhos apresentam sempre dois pisos: o inferior ou o *lojo* ou *loja*, onde o moleiro guarda o burro e as alfaias, e o superior ou *sobrado*, onde estão instaladas as mós.

No *lojo*, que comunica com o *sobrado* através de umas escadas, existe todo um conjunto de madeirame (em pinho) com diferentes peças salientando-se uma de nome *ataqueira*, responsável pelo levantamento de uma das mós do piso superior para assim o moleiro controlar a textura da farinha a moer. No piso superior ou *sobrado* ao contrário do piso anterior possui já janelas e prateleiras embutidas (*pieiras*) e um ou dois *casais de mós* sendo cada casal constituído por duas mós: a superior ou *mó andadeira* e a inferior ou *pé* e ainda todo o madeirame (normalmente em carvalho e oliveira) responsável pelo movimento da *mó andadeira*.

A cobrir superiormente o moinho existe o *carapuço*, originariamente de ripas de madeira semi-sobrepostas, presentemente substituído por zinco (material deveras mais durável), que possui dois alteamentos em posição diametralmente oposta — as *capoeiras*; que deixam sair por um lado o *rabo* e pelo outro o *eixo*. O *rabo* (grande tronco de pinho ou de eucalipto) tem como efeito fazer rodar o *carapuço* direccionando o *eixo* com as suas velas para o melhor vento. O *eixo* possui ao atravessá-lo oito *varais* com as suas *argolas* e *arames* aos quais estão pregadas quatro *velas*.

Ainda que muito sumariamente, acabámos de ver o tipo de Moinhos de Vento mais frequente do Concelho de Penacova, com um só casal de mós. Vamos agora ver os outros dois tipos de Moinhos existentes neste Concelho que possuem já dois casais.

Um primeiro sistema é o de *correia e volante*, sistema mais recente, simples e de fácil reparação. Com um *veio de cima* que atravessa o *olho* da *mó andadeira* de um dos casais de mós (fazendo accioná-la directamente) e que passa para o piso de baixo encaixando num *volante* (de madeira) que comunica o seu movimento a outro *volante* através de uma *correia de lona*, que por sua vez obriga ao movimento da *mó andadeira* do outro casal de mós.

O outro sistema de moagem só o detectámos no grupo de Moinhos de Gavinhos e soubemos da anterior existência do mesmo mecanismo num

Moinho do Grupo da Portela de Oliveira, presentemente destruído (nem mesmo Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira no seu tratado "Sistemas de Moagem" nos fazem referência a este sub-tipo de Moinhos). É o sistema de moagem por *carretão e dubadoira*, actualmente mecanismo completamente abandonado por difícil reparação em caso de estrago ou avaria, que consiste num *carretão* que comunica o seu movimento circular à *dubadoira*, peça já no piso inferior, que com os seus 34 dentes de oliveira, faz mover em simultâneo dois *carretos* que fazem accionar as duas mós *andadeiras* dos dois casais.

Comungando do mesmo sistema económico existe também como sistema de moagem e em alternativa ao vento – as *azenhas*, cujo sistema de tracção é o mesmo, mudando apenas a força tractora. Não nos iremos debruçar sobre este sistema, mas faremos adiante uma breve comparação entre os dois processos.

II PARTE

Nas colinas e cabeços da parte oeste do concelho de Penacova subsistem ainda muitos moinhos de vento, uns isolados como em Agrelo, outros agrupados como na Serra da Atalhada (22 moinhos). A grande maioria encontra-se num estado de maior ou menor ruína e abandono. Alguns, poucos, resistem e continuam a laborar. São os últimos herdeiros de uma tradição centenária, verdadeiros símbolos de uma região. Falam-nos de um outro tempo, de uma outra forma de vida, de um mundo que já quase morreu e de que eles representam um dos derradeiros testemunhos.

a) Funcionamento do Moinho – Normalmente, o moinho não pertencia ao homem que nele trabalhava, isto é, ao moleiro. Na maioria dos casos, era propriedade de um agricultor mais abastado ou mesmo de um burguês, residente em vila próxima, que o construía não propriamente para utilização pessoal mas como investimento.

O moleiro, profissão de pobres por excelência neste meio rural, transmitida ao longo de gerações de pai a filho, arrendava o moinho ao proprietário pagando quase sempre em espécie. Há 20 anos, a renda, paga semanalmente, era em média de um alqueire e meio de farinha de milho.

Esta situação encontra-se hoje alterada: por um lado, os arrendamentos ainda existentes são pagos a dinheiro; por outro, o moleiro acedeu progressivamente à condição de proprietário adquirindo o moinho ao senhorio. Tal

circunstância deveu-se mais à desvalorização do moinho de vento enquanto factor de produção e consequente desinteresse dos antigos proprietários do que a uma efectiva melhoria da situação económica do moleiro.

Transformado, assim, em pequeno proprietário, nem por isso a competição do moleiro com as modernas fábricas de moagem deixou de ser menos desigual.

O trabalho do moinho continua a processar-se da mesma forma de outrora. Os fregueses entregam o milho e o moleiro devolve a farinha após retirar o seu pagamento: uma parte da farinha moída a que se dá o nome de *maquia*.

A *maquia* tem vindo a aumentar. Era, em tempos, de 1/2 quilo por alqueire, passou depois a 1 quilo e actualmente é de 2 quilos por alqueire, embora alguns moleiros ainda cobrem apenas 1 1/2 quilo.

Contrariamente ao que se passa no arrendamento do moinho, em cujo ajuste o pagamento em espécie já desapareceu, o pagamento da *maquia* em dinheiro é raro, embora esteja a tornar-se comum. A título de exemplo: em 1983, por cada alqueire moído, pagava-se a quantia de 40 escudos.

O que desapareceu já completamente foi o pagamento, também antigamente em uso, em outros géneros que não em farinha. Utilizava-se, neste caso, especialmente o azeite.

Numa tarde de trabalho com bom vento, uma mó pode moer 80 a 100 quilos de cereal. Tomando como referência o mais alto daqueles números, conclui-se que o moleiro poderia obter um rendimento diário de 20 quilos de *maquia*.

As limitações do moinho de vento são, porém, importantes e cedo contribuíram para a sua absolvência na economia moderna. De facto, a dependência dos ventos reduz muito a sua utilização e, obviamente, a sua produtividade.

Em média, o moinho de vento trabalha apenas seis horas por dia, entre as 2 e as 7-8 horas da tarde. Muito raramente, é possível laborar também da parte da manhã a partir das 6 horas e até ao meio dia, isto quando sopra o vento *suão*.

Se o vento é irregular ao longo do dia, igualmente o é durante o ano: o moinho de vento só pode ser utilizado entre Julho e Outubro.

b) Decadência do Moinho — Quando se pergunta aos velhos moleiros de Penacova a razão do abandono dos moinhos, quase todos respondem da mesma maneira: "*já não há ventos como dantes*".

Tal resposta, por estranho que pareça, encerra, em grande parte, a explicação principal da imensa vaga de abandonos que se verificou nos moinhos do concelho de Penacova a partir de 1950: a florestação dos montes. Na verdade, uma análise, mesmo rápida e superficial, permite traçar um paralelismo cronológico evidente entre a florestação e o abandono dos vários grupos de moinhos.

Um dos mais idosos moleiros, o sr. Pedro das Neves, que em 1983 contava 90 anos, relatou como teve de abandonar o seu moinho no Cerejo em meados da década de 50: *"não conseguia moer um só alqueire de milho numa tarde"*. Tentou mesmo recorrer aos tribunais, mas sem sucesso: a legislação garantia um raio de 25 metros à volta de cada moinho onde o plantio das árvores era proibido — e este limite fora respeitado. No entanto, o mesmo mostrava-se, na prática, insuficiente. Privados, assim, do vento que as árvores desviavam, grande parte dos moleiros fechou os moinhos.

Só os moinhos situados em cabeços não florestados se aguentaram, como em Gavinhos e na Aveleira. Embora atingidos por uma nova vaga de abandonos na década de 70, devido à crescente inadequação económica do moinho, restam nestes grupos os últimos moinhos "vivos" de Penacova.

c) O Moinho e a Azenha — Enquanto os moinhos de vento caíam em ruínas e se transformavam, em muitos casos, em viveiros de silvas e urzes, as azenhas, segundo elemento do binómio constitutivo do sistema de moagem tradicional, demonstravam suportar melhor os novos tempos.

A relação moinho-azinha reveste aspectos importantes e muito significativos. São instrumentos de moagem complementares e intimamente associados. Uma comparação do número de moinhos inventariados (92) com uma estimativa mais geral do de azenhas (70 a 80) existentes no concelho de Penacova faz ressaltar semelhante relação. O moleiro era, geralmente, arrendatário de um moinho de vento e de uma azenha, o que lhe permitia trabalhar todo o ano. Efectivamente, como dissémos atrás, o moinho ganha preponderância no Verão, quando a estiagem impede a utilização da força motriz da água na azenha, mas ao longo do resto do ano é esta última a utilizada e com apreciáveis vantagens que explicam hoje a sua maior capacidade de subsistência.

Deste modo, apenas suplantada pelo moinho durante os meses de Verão, a azenha retira de imediato a sua vantagem do facto de poder trabalhar muito mais horas diárias por não se encontrar dependente dos ventos. Mas há mais: enquanto o moinho possui geralmente um só casal de mós e, em casos raros, dois, a azenha tem quase sempre dois casais e, amiúde, três ou mesmo quatro. Por último, a azenha pode presentemente ultrapassar a seca dos meses quentes adaptando um motor "Diesel" às mós, assim retirando ao moinho de vento a única superioridade que ele detinha. Na verdade, a mesma aplicação no moinho, embora tecnicamente possível, é, segundo os moleiros, economicamente inviável.

Tudo isto explica que vários moleiros há muito tenham abandonado os moinhos das serras, mas continuem a trabalhar nas suas azenhas nos vales.

d) Presente e Futuro do Moinho de Vento de Penacova — Em 1983, a situação dos moinhos de Penacova era bastante precária: de um total de 92 moinhos, apenas 15 se encontravam em estado de funcionar e somente 5 trabalhavam nesse Verão. Quinze outros moinhos tinham ainda parte dos respectivos mecanismos, embora danificados. Os restantes achavam-se reduzidos a ruínas, com excepção de 6 que haviam sido transformados em residências de férias, fenómeno já habitual em casos semelhantes e de consequências imprevisíveis.

Posteriormente, a situação melhorou e hoje existem fundadas esperanças de que parte deste património possa ser salvaguardado e recuperado.

Para este novo estado de coisas terá contribuído decisivamente a tomada de consciência de muitos particulares e da Câmara Municipal de Penacova, convictos de ser grande a importância turística dos moinhos num concelho que tem no turismo a mais forte das suas potencialidades de desenvolvimento.

Nesta ordem de ideias, iniciou a Câmara, em colaboração com o Instituto Português do Património Cultural, a recuperação do numeroso grupo da Portela de Oliveira onde foram já restaurados alguns moinhos.

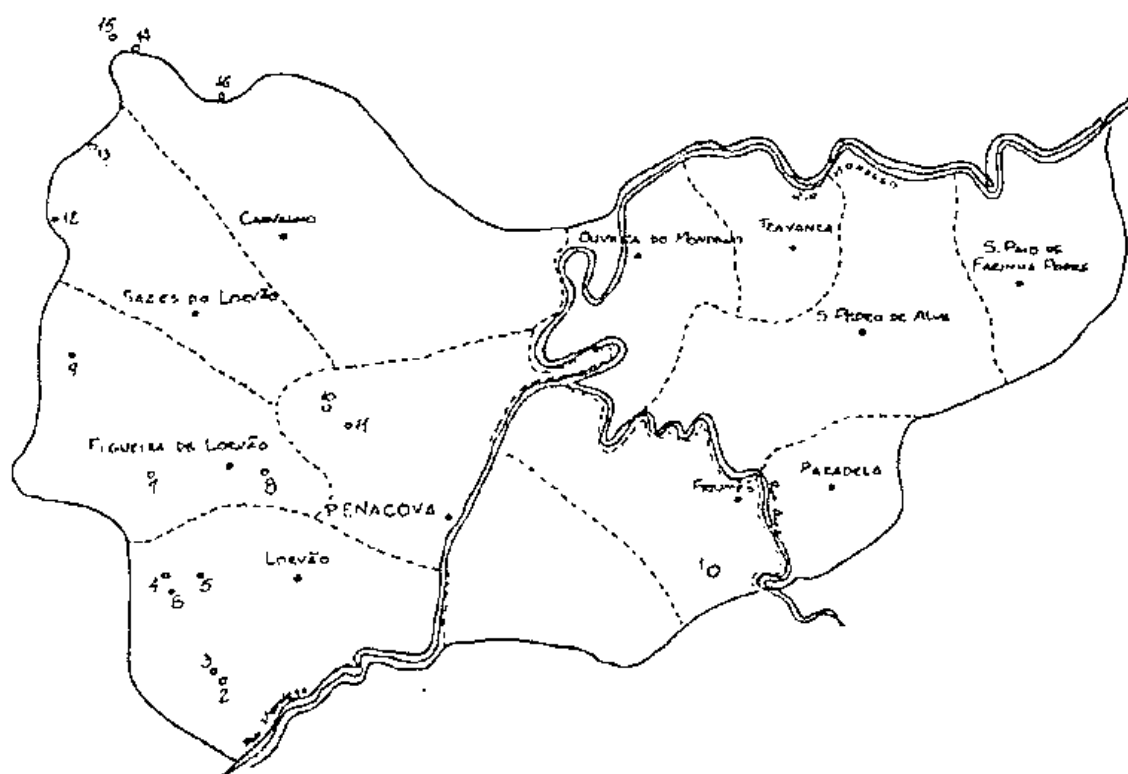
Ao optar pela Portela de Oliveira, preteriu a autarquia penacovense o grupo de Gavinhos, sem dúvida o melhor conservado mas prejudicado pelos maus acessos, pela posição excêntrica em relação ao principal circuito turístico do concelho e pela existência de uma imagem de Nossa Senhora, construída nos anos 60, de enormes proporções mas de qualidade artística no mínimo muito discutível.

Também os particulares têm desempenhado um papel relevante, reconstruindo ou simplesmente reabrindo vários moinhos que se encontravam fechados nos grupos da Aveleira e de Gavinhos.

De realçar, por se tratar de um caso que supomos inédito a nível nacional, a construção, em 1970, do moinho de Agrelo pelo sr. Américo Marques Branco, descendente de uma família de moleiros, isto numa época em que o abandono dos moinhos parecia irremediável.

Mesmo para a Serra da Atalhada, grupo há muito abandonado, existem projectos para a recuperação de alguns moinhos por parte de particulares da aldeia próxima de Zagalho.

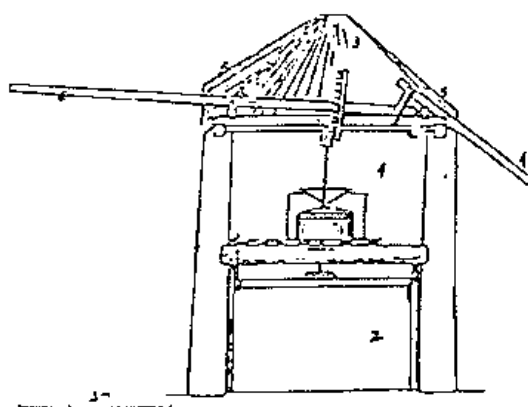
Perante este panorama animador que, esperamos, prossiga e que permitiu já o funcionamento de cerca de 15 moinhos no Verão de 1988, existem fundadas esperanças de que as velas continuem, a ornamentar as serras de Penacova e a assumir-se, como desde há séculos, o símbolo desta região e um património vivo.



O CONCELHO DE PENACOVA

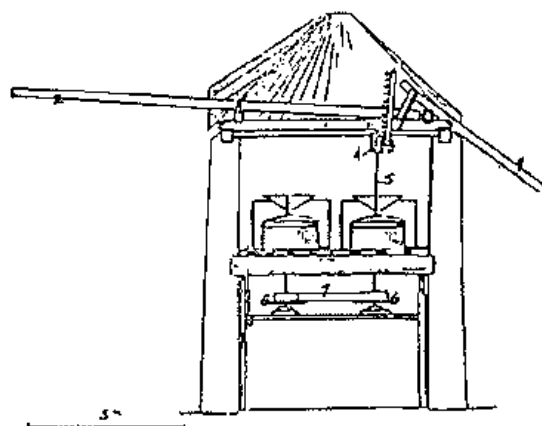
——— Limite do Concelho
 Limite de Freguesia

- | | |
|---|---|
| 1 - Grupo de 22 moinhos da ATALHADA | 9 - Grupo de 3 moinhos de MONTE REDONDO |
| 2 - Moinho isolado do ROXO | 10 - Grupo de 18 moinhos de PORTELA DE OLIVEIRA |
| 3 - Grupo de 2 moinhos do ROXO | 11 - Grupo de 5 moinhos de CABEÇA GORDA |
| 4 - Moinho isolado da AVELEIRA | 12 - Grupo de 5 moinhos de CHÃ DA MATA |
| 5 - 1.º grupo de 7 moinhos da AVELEIRA (I) | 13 - Grupo de 5 moinhos de CEREJO |
| 6 - 2.º grupo de 5 moinhos da AVELEIRA (II) | 14 - Moinho de MOURA |
| 7 - Moinho de AGRELO | 15 - Moinho de SULA |
| 8 - Grupo de 14 moinhos de GAVINHOS | 16 - Moinho de CERDEIRINHA |



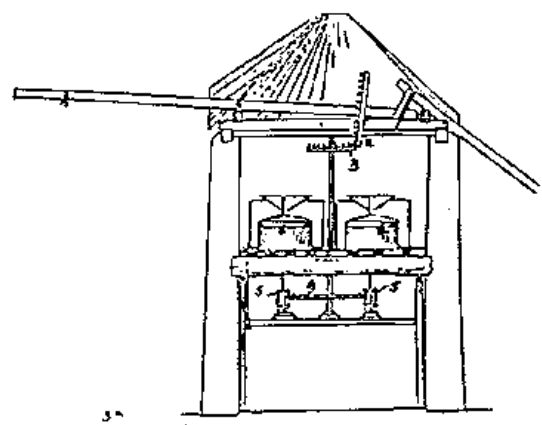
Estrutura geral de um moinho de Penacova
(Seg. Galhano, 1965)

- 1 – Sobrado
- 2 – Eixo
- 3 – Carapuço
- 4 – Rabo
- 5 – Capoeiras do carapuço
- 6 – Eixo



Mecanismo de moagem por Volantes e Correia

- 1 – Rabo
- 2 – Eixo
- 3 – Entrosga
- 4 – Carreto
- 5 – Veio de cima
- 6 – Volantes
- 7 – Correia



Mecanismo de moagem por Carretão e Dubadoira

- 1 – Eixo
- 2 – Entrosga
- 3 – Carretão
- 4 – Dubadoira
- 5 – Carretos
- 6 – Casais de mós

IDENTIDADES CONTINUADAS: A GESTÃO DE SEPULCROS ENTRE A BURGUESIA PORTUENSE

*João de Pina Cabral **

Resumo

O estudo dos padrões familiares da burguesia tem sido em geral descurado pela Antropologia Social europeísta. Este ensaio corresponde a uma primeira tentativa de suprir a esta falta por meio de material recolhido entre a burguesia portuense. De forma a estabelecer a natureza da unidade social primária nesta sociedade assim como o seu processo de reprodução, descrevem-se exemplos da gestão de sepulcros. Por serem propriedade de um grupo de parentes mais alargado do que os que residem na unidade social primária, a gestão destes sepulcros, é uma ocasião privilegiada para o estudo da existência de *identidades continuadas*, isto é, do prolongamento através das gerações dos sentimentos de identidade que resultam da pertença comum a uma unidade social primária, mesmo depois do desaparecimento físico desta. Por outras palavras, tenta captar-se a existência e natureza do sistema de reprodução da unidade social primária numa sociedade em que, aparentemente, o tempo de vida dessa unidade corresponde estritamente a um matrimónio entre dois indivíduos.

* Investigador do Instituto de Ciências Sociais.